

O FUTEBOL-TEATRO DE NELSON RODRIGUES

NELSON RODRIGUES'S SOCCER-THEATER

*Ram Avraham Mandil**
Universidade Federal de Minas Gerais

RESUMO

A partir de crônicas de Nelson Rodrigues sobre o futebol, este artigo pretende destacar uma convergência entre o modo como o cronista interpreta esse esporte e suas ideias a respeito do teatro.

PALAVRAS-CHAVE

Nelson Rodrigues, futebol, teatro

A paixão de Nelson Rodrigues pelo futebol, como sabemos, é indissociável de sua atividade como dramaturgo, romancista, cronista ou autor de folhetim. Para além das ligações familiares – seu irmão Mário Filho, autor de um célebre estudo sobre o negro no futebol, foi um dos responsáveis pela popularização do esporte no Brasil –, é possível depreender, por meio de suas crônicas, que Nelson Rodrigues considerava o futebol como um acontecimento capaz de mobilizar as mesmas energias vitais que procurava produzir através de suas tragédias.

Sabemos que as opiniões de Nelson Rodrigues sobre o futebol vão muito além da mera consideração do esporte em sua dimensão lúdica. Não parece excessivo afirmar que suas crônicas e seus comentários sobre o futebol permitem inscrevê-lo ao lado dos chamados “intérpretes do Brasil”,¹ aqueles pensadores que, nas mais diversas áreas, contribuíram para que a nação pudesse se confrontar com seus enigmas e impasses. Esses pensadores, cada um ao seu modo, souberam criar uma perspectiva favorável a partir da qual puderam desenvolver um modo de leitura e de interpretação da realidade brasileira. É possível depreender da análise de cada um desses intérpretes não apenas uma descrição das forças formadoras da nação, mas também um desejo em relação aos rumos possíveis para a sua história. Em outras palavras, interpretar o Brasil – como fizeram Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre, Oswald de Andrade, para citar alguns – não significa apenas procurar dizer o país que somos, mas, fundamentalmente, colocar em evidência o país que cada um deles gostaria que fôssemos a partir das potencialidades por eles identificadas.

* *rmandil.bhe@terra.com.br*

¹ Conforme coletânea organizada por Silvano Santiago e publicada em três volumes pela editora Nova Aguilar no ano de 2002.

Nesse sentido, as crônicas de Nelson Rodrigues sobre o futebol procuram não apenas traçar o desenho das grandes linhas de força presentes no modo como esse jogo se inscreve em nossa sociedade, mas visa fundamentalmente derivar dessas linhas o traçado de um desejo do cronista de como ele gostaria que nos víssemos enquanto nação.

O “COMPLEXO DE VIRA-LATAS”

De todas as célebres expressões de Nelson Rodrigues, o “complexo de vira-latas” talvez seja a que mais se aproxima de uma interpretação da “alma brasileira” a partir das considerações sobre o futebol. Os termos que compõem a expressão – explicitada numa crônica de 31 de maio de 1958, antecedendo à estréia da Seleção na Copa do Mundo da Suécia² – indicam a apropriação de uma noção oriunda da psicanálise, acrescida da referência a um animal mestiço, próprio da paisagem urbana da época. Esse “complexo”, no sentido de uma força psíquica instalada na alma brasileira e que a impede de realizar-se plenamente, tem o seu acontecimento traumático bem delimitado: a derrota na final da Copa de 1950, num Maracanã lotado, quando a Seleção estava prestes a alcançar o seu primeiro triunfo em Mundiais. “Foi uma humilhação nacional que nada, absolutamente nada, pode curar.”³ Para Nelson, é essa “frustração”, essa “desilusão”, essa enorme “dor de cotovelo”, que acaba sendo transmitida a cada vez que a Seleção – ícone máximo da identidade brasileira – se prepara para novas batalhas. Esse “complexo” tem raiz freudiana, e se expressa como um receio (e talvez um desejo) de que o encontro traumático possa se repetir, como se uma compulsão nos empurrasse, de quatro em quatro anos, a ter um encontro marcado com o fracasso. Nessa mesma crônica, Nelson reafirma que esse “complexo” não é passível de ser dissolvido a partir de uma preparação física e técnica do time brasileiro. O que está em jogo para o cronista é a necessidade de se liberar da posição “de inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo”.⁴ Não se trata de uma posição exclusiva em relação ao futebol, mas algo que, para o cronista, estende-se a todos os setores. O “vira-latismo”, nesse sentido, produto de uma inibição derivada do trauma de 50, agrava-se, para Nelson, com a exigência de uma atitude de “humildade” diante dos adversários. Para o senso comum da época, teríamos fracassado em 1950 porque não havíamos sido suficientemente humildes. A análise de Nelson caminha no sentido oposto a essa corrente explicativa de nosso fracasso, uma vez que essa exigência de humildade embota ainda mais as potencialidades adormecidas da nação. Trata-se, para o cronista, de uma atitude que desconsidera a “fé em si mesmo”, que amarra as forças de “fantasia, de improvisação, de invenção” que subjazem na cultura brasileira e para as quais é preciso criar formas capazes de lhes dar vazão.

Por outro lado, a referência aos vira-latas não é sem ressonância com um debate racial presente nas elaborações dos chamados “intérpretes do Brasil”, e que repercute

² RODRIGUES. *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*, p. 51-52.

³ RODRIGUES. *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*, p. 51.

⁴ RODRIGUES. *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*, p. 52.

de forma especial no futebol. Como sabemos, o debate sobre a miscigenação como elemento fundador da nação brasileira é tratado desde ângulos diversos, seja nas análises sociológicas do início do século 20, seja no campo literário propriamente dito. A título de exemplo, não era raro considerar a miscigenação como um obstáculo para a constituição da identidade brasileira, ideia essa que Paulo Prado evoca em seu *Retrato do Brasil*, fazendo ecoar as teses higienistas que iriam tornar-se preponderantes na Europa dos anos 1930 e mesmo as justificativas para as discriminações raciais dos EUA.

Esse aspecto ganha ainda maior relevância quando consideramos a história do futebol brasileiro. Esporte de elite no início de sua instalação entre nós, considerado como um “estrangeirismo” ou “roupa de empréstimo, que não nos serve” da parte de um escritor do porte de um Graciliano Ramos,⁵ não havia lugar no futebol para a participação da população em geral, sobretudo para os negros. Para uma apreensão dos conflitos em torno dessa questão e da luta para a inclusão dos negros no esporte, basta consultar os percalços passados pelo Vasco da Gama, do Rio de Janeiro, primeiro clube a admitir jogadores negros em sua equipe e mesmo a ser presidido por um.

Não se deve enxergar a referência de Nelson aos vira-latas como uma espécie de lamento pela nossa condição mestiça. O que se evoca aqui é justamente a condição de marginalidade, de fraqueza, de uma nação que se envergonha de suas origens, vagando a esmo, desconhecendo as forças potenciais que jazem em seu âmago. Vale lembrar que tanto Nelson quanto seu irmão Mário Filho irão dar destaque ao modo como a população negra do Brasil encontrou no futebol um lugar propício para a expressão de suas potencialidades, abafadas em sua origem pelo regime escravocrata. Não podemos perder de vista que, ao final da década de 1950, havia certa dose de ousadia na referência à figura do jovem Pelé como um “rei” ou na atribuição de “um manto de cetim azul, com barra de arminho” ao “preguiçoso” Didi, tal como apresentados nas crônicas de Nelson Rodrigues. Trata-se de um chamado à nação para despertar e finalmente reconhecer, através do futebol, os traços de nobreza derivados de uma população amplamente submissa na ordem social brasileira.

OS ENTENDIDOS DE FUTEBOL

Um aspecto que se destaca da atividade de Nelson Rodrigues como cronista de futebol é a defesa intransigente e apaixonada de suas ideias especialmente diante de certos posicionamentos da crítica futebolística de sua época.

Vamos dar atenção aqui a dois aspectos do posicionamento de Nelson em contraposição a certo senso comum da crônica esportiva de sua época.

Um primeiro diz respeito à desconsideração, por parte dessa crítica, ironicamente categorizada por ele como a dos “entendidos de futebol”, dos aspectos viscerais que ligam o futebol no Brasil ao modo como é construída a identidade da nação. Duas

⁵ Conforme a crônica “Traços a esmo”, publicada em 1921 por Graciliano Ramos em *O índio*, em Palmeira dos Índios (AL), sob o pseudônimo de J. Calisto. Ver em: <<http://www.efdeportes.com/efd10/palha1.htm>>.

crônicas,⁶ escritas por ocasião da campanha vitoriosa que levaria o Brasil à conquista definitiva da Taça Jules Rimet (para depois dar a ela o destino de muiraquitã perdido de Macunaíma), dão bem a dimensão do que estava em jogo para Nelson. Nessas crônicas, de junho de 1970, novamente o que parece estar em jogo não é uma análise objetiva das possibilidades de triunfo da Seleção, mas fundamentalmente o modo como nos enxergamos enquanto nação, modo esse que se traduz na relação que mantemos com o escrete canarinho. Para Nelson, essa convergência da nação em torno da Seleção, por ocasião da Copa do Mundo, é uma oportunidade de compensação “de velhas frustrações, jamais cicatrizadas”.⁷ A Seleção brasileira de futebol não é apenas um ajuntamento de jogadores, escolhidos por sua qualidade técnica, quando não, como sabemos, pela interferência de outros fatores. Para Nelson, a Seleção não é apenas um grupo representativo da nação, mas algo que carrega uma história, uma lenda: “É todo um secreto, um misterioso, um profundo trabalho de gerações.”⁸ É essa consciência trágica, construída a partir das feridas abertas, que Nelson espera ser reconhecida pela crônica esportiva em relação à Seleção.

No entanto, o que Nelson percebe do lado da crítica esportiva dos anos 1970 são os ecos do complexo de vira-latas, na forma de uma desvalorização das potencialidades inerentes ao modo brasileiro de jogar futebol. O personagem do “entendido” de futebol, criado a partir da veia dramática de Nelson, acabou se multiplicando na crônica esportiva brasileira a partir da derrota na Copa de 1966. O “entendido” passa a destilar o discurso da eficiência baseada nos valores “modernos” da velocidade, da otimização, da preparação física, da ocupação de espaços. Podemos dizer, em certa medida, que o “entendido” é um típico produto da chegada do discurso pretensamente científico ao futebol. Nelson enxerga nesse discurso uma “impostura inédita” que só não produz efeitos mais deletérios porque a realidade trata de revesti-los com o manto do ridículo.

Mas é na crônica seguinte, escrita às vésperas da final contra a Itália nessa mesma Copa, que Nelson revela o que parece ser para ele o lado mais abominável do “entendido”. Não bastasse a defesa que ele faz do futebol “força” em contraposição ao futebol “arte”, esse personagem cobra dos jogadores uma atitude que vai exatamente no sentido contrário à liberação das potencialidades da nação brasileira. Em “O mais belo futebol da Terra”, Nelson imagina o encontro do brasileiro típico – um “pau de arara” sentado à beira da estrada, “lambendo uma rapadura” e coçando a sua “sarna bíblica” – com o cronista esportivo, pilotando sua Mercedes “branca, nupcial”. Nesse encontro fictício, Nelson imagina o cronista esportivo pedindo ao pau-de-arara uma única coisa: humildade. “Vocês percebem a monstruosidade? Não basta ao miserável a sarna, nem a rapadura. Ainda lhe acrescentam a humildade.”⁹ Vale a pena citar aqui a passagem que se segue da crônica, esclarecedora sobre o modo como Nelson imagina a libertação do complexo de vira-latas enraizado na cultura brasileira:

⁶ “O entendido, salvo pelo ridículo” e “O mais belo futebol da terra”, também fazem parte da coletânea *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*.

⁷ RODRIGUES. *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*, p. 181.

⁸ RODRIGUES. *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*, p. 181.

⁹ RODRIGUES. *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*, p. 188.

Um escrete é feito pelo povo. E como o povo o fez? Com vaias. Nunca houve na Terra uma seleção tão humilhada e tão ofendida. E, além disso, os autores das vaias pediam humildade. O justo, o correto, o eficaz é que assim incentivássemos a seleção de paus-de-arara: – “Tudo menos humildade! Seja arrogante! Erga a cabeça! Suba pelas paredes! Ponha lantejoulas na camisa!”¹⁰

No parágrafo seguinte, Nelson explicita o fundamento de sua posição:

Chamo os nossos jogadores de paus de arara sem nenhuma intenção restritiva. O pau de arara é um tipo social, humano, econômico, psicológico tão válido como outro qualquer. Tem potencialidades inéditas, valores ainda não realizados.¹¹

Nesse sentido, o entendido de futebol passa a figurar, para Nelson, tudo aquilo que vai no sentido contrário à liberação das forças adormecidas na cultura brasileira:

Realmente os “entendidos” fizeram tudo para acabar com o nosso craque. Queriam que nós imitássemos os defeitos europeus. Queriam tirar de nosso futebol toda a magia, toda a beleza, toda a plasticidade, toda a imaginação.¹²

A oposição traçada torna ainda mais evidente uma concepção de futebol enraizada em certos valores da nossa cultura: a prevalência do craque, ou do artista, em relação à concepção do futebol coletivo, ordenado; a lentidão vista não como um defeito, mas como outra maneira de lidar com o tempo e o ritmo; a magia – entendida como o reconhecimento de um encanto misterioso na ordem do mundo – por oposição ao futebol construído à base das estatísticas, cálculos e previsões; e a escolha da arte como referência para o futebol, e não o discurso pretensamente científico, que enxerga o jogo, por exemplo, a partir da quantificação dos passes errados, da posse de bola ou do número de chutes a gol.

Essa mesma oposição poderá ser encontrada nas diversas áreas da cultura que foram objeto da crítica e dos comentários de Nelson. O “entendido” é também um “idiota da objetividade” que, em geral, instala-se numa posição distanciada, não apaixonada, e tece, a partir daí, os seus comentários, sendo incapaz de levar em consideração o *pathos* que afeta toda atividade humana, em especial o futebol. Podemos inferir que é o mesmo idiota da objetividade que, no teatro, valoriza a bilheteria ou a figura do “grande ator” – com sua técnica apurada, sua dicção, seu distanciamento – e desconsidera toda a potencialidade do “canastrão”, esse tipo de ator incapaz de desaparecer no personagem em função dos impasses trágicos que marcam a sua própria vida. É o idiota da objetividade que lança mão dos fatos para provar seus argumentos, desconsiderando que um fato sempre carrega consigo a sua interpretação (dirá Nelson, por ocasião de um debate esportivo: “E podem me dizer que os fatos provam o contrário, que eu vos respondo: pior para os fatos”). Ou ainda, em tempos tecnológicos, e antecipando a transformação do futebol em espetáculo televisivo, Nelson irá contrapor-se à apreciação do futebol pela TV: “O videotape é burro!”, esbravejará num outro

¹⁰ RODRIGUES. *À sombra das chuteiras imortais*: crônicas de futebol, p. 188.

¹¹ RODRIGUES. *À sombra das chuteiras imortais*: crônicas de futebol, p. 188.

¹² RODRIGUES. *À sombra das chuteiras imortais*: crônicas de futebol, p. 189.

debate esportivo, nos incitando a considerar, numa partida de futebol, os múltiplos aspectos ali presentes e que não podem ser reduzidos a uma mera repetição de imagens previamente selecionadas.

PROSA E POESIA NO FUTEBOL

Nesse sentido, não podemos deixar de evocar aqui o célebre artigo escrito pelo cineasta Pasolini e publicado no jornal *Il Giorno*, na edição de 3 de janeiro de 1971, sob o impacto da vitória brasileira sobre a Itália na final da Copa de 70.¹³ A partir de referências aos estudos semiológicos de inspiração barthesiana, o cineasta procura estabelecer um contraste entre o “futebol prosa” e o “futebol poesia”. Não pretendo aqui examinar as várias possibilidades de leitura que esse artigo desperta,¹⁴ mas apenas situá-lo como marco a partir do qual podemos pensar a inscrição de Nelson Rodrigues enquanto cronista de futebol.

Vale lembrar que nesse artigo o cineasta nos convida a considerar o jogo de futebol também como um “sistema de signos”, ou seja, como uma língua, ainda que não verbal. A “partida”, a ser considerada como um verdadeiro discurso dramático, seria a expressão sintática dessa língua. Pasolini prossegue na distribuição dos lugares a serem reconhecidos neste sistema semiótico: os jogadores como os cifradores dessa linguagem; os torcedores como os decifradores, e entre eles o código comum que permite o reconhecimento dos signos. Para o cineasta, há modos de jogar futebol cuja linguagem é fundamentalmente prosaica e outros cuja linguagem é poética. No futebol prosaico o que se destaca é a sintaxe, em suas diversas formas de apresentação, tais como a retransmissão, a triangulação, o jogo coletivo, a apresentação organizada do código. No futebol de prosa, o gol é o resultado de um processo ordenado, é a conclusão lógica de um sistema, como se dele derivasse por dedução. Já o futebol de poesia caracteriza-se por dois momentos que perturbam a sintaxe do jogo: o momento do gol e o drible. O gol, no futebol de poesia, é um achado, uma invenção, resultado de uma fulguração, associado à surpresa. Ele não se apresenta como resultado lógico, mas antes como uma contingência. Sua autoria não é restrita. Pode ser feito por qualquer jogador, independentemente da posição em que joga. O drible também aciona esses elementos: é sempre individual, necessariamente surpreendente seja para o torcedor seja para o jogador adversário, e é capaz de abrir brechas lá onde o sistema defensivo se mostra impenetrável.

Não é difícil reconhecer a filiação de Nelson Rodrigues à celebração do futebol poesia. Suas crônicas de futebol estão quase todas centradas sobre o indivíduo, em detrimento de uma apreciação coletiva ou tática do jogo. Não é por outra razão que suas colunas buscam destacar “o personagem da semana”, pelas quais ele molda, a partir do jogo assistido pela multidão, a figura de um personagem, em geral alçado à condição

¹³ Artigo escrito originalmente sob o título “*Il calcio è un linguaggio con i suoi poeti e prosatori*” [“O futebol é uma linguagem com seus poetas e prosadores”].

¹⁴ Para um estudo mais aprofundado deste ensaio remetemos ao artigo “A ‘linguagem do futebol’ segundo Pasolini: ‘futebol de prosa’ e ‘futebol de poesia’”, de Elcio Cornelsen, bem como às páginas 114-120 do livro *Veneno Remédio: o futebol e o Brasil*, de José Miguel Wisnik.

trágica – como no caso de Almir, “o possesso” – ou mesmo cômica, como Garrincha, figura “macunaímica”, produto único do futebol brasileiro, que com seus dribles e suas jogadas improváveis fazia desmornar todos os sistemas de defesa erguidos à sua frente.

A preconização do futebol poesia e a escolha da arte como parceira de análise e interpretação do jogo (na arte não há progresso) justificam, desse modo, o olhar individualizado, que destaca a inevitável condição solitária do homem, a ausência de garantia para seus atos, a experiência de sua vida como fundamento para suas escolhas, muitas delas motivadas por aspectos que só são reconhecidos no momento de seu desfecho trágico. Em tom anedótico, Nelson, vez por outra, lamentava a ausência de um psicanalista na equipe técnica de um time de futebol, uma vez que considerava a “dor de cotovelo” de um atleta como algo que deveria merecer tanta ou mais atenção do que uma distensão muscular.

Vale lembrar que “o personagem da semana” não necessariamente se restringia a um representante da “triste e miserável condição humana”. Um gesto ou uma atitude inesperada podem adquirir a força de um ato e iluminar, de modo súbito, a tensão trágica subjacente numa partida e converter-se em personagem. Assim, na crônica “A cusparada metafísica”,¹⁵ ao analisar um jogo do campeonato carioca entre Flamengo e Canto do Rio, Nelson se atém a um detalhe imperceptível: o cuspe que o jogador do Flamengo dá na bola, já na marca do pênalti a ser cobrado pela equipe adversária. Nelson não recua diante desse “detalhe anti-higiênico, antiestético”. Para aqueles que acompanham sua atividade teatral, o elemento “desagradável”, grotesco, é algo que, na dramaturgia de Nelson, tem a função de despertar forças inauditas, fazendo revelar o campo de tensões e conflitos em jogo numa dada cena. Ele prossegue:

Quem sabe se a cusparada não decidiu tudo? Só sei que lá ficou a saliva, pousada na bola. O que aconteceu depois todos sabem: – Osmar bate a penalidade de uma maneira que envergonharia uma cambaxira. Atirava o Canto do Rio pela janela a última e desesperada chance de um empate glorioso.

E ninguém desconfiou que o fator decisivo do triunfo fora, talvez, a cusparada metafísica de Dida, que ungiu a bola e a desviou, na hora H.¹⁶

Ainda nessa mesma linha, podemos imaginar o que Nelson Rodrigues teria extraído da surpreendente cabeçada desferida por Zinedine Zidane, contra o peito do defensor italiano Materazzi, em plena final da Copa do Mundo de 2006, naquele que foi o último jogo da lenda francesa do futebol. As ofensas que ele teria recebido do beque da Itália – supostamente atingindo a honra de sua família – fizeram com que ele reagisse dessa forma, deixando em segundo plano toda honra e consagração que poderia advir da conquista do Mundial. A cena final, em que as câmeras de TV mostram o jogador saindo andando de campo, caminhando solitariamente, passando ao lado da taça dourada definitivamente perdida e descendo as escadas para o vestiário, é digna de constar no repertório de imagens que Nelson Rodrigues nos ensinou a levar em consideração quando estamos diante de uma partida de futebol.

¹⁵ RODRIGUES. *À sombra das chuteiras imortais*: crônicas de futebol, p. 31-32,

¹⁶ RODRIGUES. *À sombra das chuteiras imortais*: crônicas de futebol, p. 32.

Ainda no campo das transgressões, Nelson Rodrigues irá dedicar uma crônica à presença do palavrão no futebol, tanto do lado dos jogadores quanto dos torcedores. Em “Bocage no futebol”,¹⁷ o cronista considera o palavrão como algo indissociável do contexto de uma partida de futebol. Vale lembrar que Nelson nunca perderá a oportunidade – seja em suas crônicas ou em entrevistas – para manifestar seu desacordo com o uso indiscriminado do palavrão, com a sua banalização. Para ele, “cada nome feio que a vida extrai de nós é um estímulo vital irresistível”.¹⁸ O uso do palavrão só tem sentido se estiver atrelado a um impacto vital, já que é uma palavra da língua conectada a uma provaçãõ existencial, e uma partida de futebol é um lugar propício para a manifestação dessas provações.

Finalmente, ainda no contexto do futebol poesia, tal como preconizado por Pasolini, ou do futebol arte, como aventado por Nelson, o cronista irá dar lugar de destaque ao acaso, à contingência, ao inexplicável, como elementos indissociáveis do futebol. O cronista alimenta-se aqui do dramaturgo, autor de tragédias. Em suas peças – pensemos de imediato em *A falecida* ou em *Os sete gatinhos* –, Nelson Rodrigues reserva um lugar à contingência como elemento a partir do qual o personagem trágico, sem se dar conta disso, irá tecer uma rede de sentido à qual atribuirá força de destino e na qual ele acabará invariavelmente enredado. Em relação ao futebol, o acaso será encarnado nas crônicas de Nelson no personagem Sobrenatural de Almeida, espécie de vigésimo terceiro jogador, invisível para aqueles que no futebol só veem a bola (“em futebol o pior cego é o que só vê a bola”),¹⁹ mas presente até na mais sórdida pelada. Vale lembrar que, para Nelson, até mesmo uma pelada é de uma “complexidade shakespeariana”: “Às vezes, num córner mal ou bem batido, há um toque evidentíssimo do sobrenatural.”²⁰ A irrupção do sobrenatural – a referência a Shakespeare não é gratuita, considerando o apelo do bardo a outro plano de realidade para a construção da tensão dramática, como o fantasma de Hamlet, ou as bruxas de Macbeth – é o que explicaria a presença do improvável e sua emergência na superfície de uma partida, perturbando de modo irreversível a sua dinâmica. Em outras palavras, no futebol, tanto quanto no teatro trágico, há sempre uma relação entre os personagens e um plano que se coloca além.

FUTEBOL-TEATRO

Finalmente, vale a pena destacar alguns aspectos da relação de Nelson Rodrigues com o futebol, seja como torcedor, seja como cronista, em sua conexão com sua atividade de dramaturgo e homem de teatro.

Como assinalamos anteriormente, tanto em suas crônicas quanto em suas peças, há uma íntima conexão entre o modo como Nelson encara o futebol e suas ideias a respeito do teatro.

¹⁷ RODRIGUES. *À sombra das chuteiras imortais*: crônicas de futebol, p. 17-18.

¹⁸ RODRIGUES. *À sombra das chuteiras imortais*: crônicas de futebol, p. 17.

¹⁹ RODRIGUES. *À sombra das chuteiras imortais*: crônicas de futebol, p. 103.

²⁰ RODRIGUES. *À sombra das chuteiras imortais*: crônicas de futebol, p. 103.

Ainda que ele não se refira a isso diretamente, um ponto de contato entre as crônicas sobre futebol e as peças de Nelson se dá no acento sobre a dimensão de jogo presente em ambos. Essa referência ao teatro como jogo é explícita na língua inglesa, e mesmo na língua alemã, em que uma peça teatral é, antes de tudo, “a play” (ou “Spiel”). Nesse sentido, podemos destacar alguns elementos do jogo que justificam essa aproximação. Um jogo é sempre determinado por regras, às quais os participantes concordam em submeter-se, regras essas que lhe dão o enquadre formal. Sabemos que o futebol restringe-se a 17 regras, praticamente imutáveis desde seu estabelecimento pelo International Board da FIFA. Por outro lado, desde a *Poética*, de Aristóteles – para ficarmos com uma referência mais imediata –, sabemos que a tragédia também tem as suas regras, mutáveis, por certo, as mais conhecidas delas traduzidas na forma de uma unidade de ação, de tempo e de espaço. Essas regras, no entanto, não se justificam por si próprias: elas visam produzir um *pathos*, um tipo de satisfação especial que se origina do exercício mesmo dessas regras. Esse *pathos* pode ser reconhecido seja no prazer lúdico que associamos ao jogo, seja na paixão produzida nos torcedores e jogadores de futebol, seja na catarse ou em outras formas de prazer estético associadas ao teatro.

Nesse sentido, vale aqui uma observação em relação à figura do espectador, que, para Nelson, tem no torcedor de futebol o seu paradigma. A dimensão sagrada do teatro – que, em termos trágicos, origina-se do culto às divindades da Antiguidade – implica em pensar o público que a ele acorre não como meros espectadores. Nelson, em outro momento, recorre à metáfora da missa para referir-se ao espaço sagrado do teatro (não necessariamente ligado a esta ou àquela religião), como espaço demarcado, no qual aqueles que ali adentram terão uma ligação especial com a celebração, fazendo parte eles mesmos do rito que ali se instaura. Nesse sentido, para Nelson, o teatro deverá visar esse espectador não distanciado, um espectador a ser aspirado para dentro da cena, coparticipante do seu desenrolar, interferindo e sendo afetado pela sua dinâmica. Em nosso tempo, podemos dizer que essa figura está encarnada no torcedor de futebol, como aquele que comparece ao estádio, que interfere no espetáculo, que, por vezes, converte-se num espetáculo à parte, que se angustia, sofre, explode de prazer, que oscila em seu humor, com uma lógica própria e ao mesmo tempo obscura. A relação entre o torcedor e seu time, sabemos, é algo visceral, e a vaia passa a ser um índice dessa ligação. Se por acaso não gosta do que vê, o torcedor reage, e não simplesmente se retira do estádio. Essa relação intrínseca, na qual não parece haver qualquer distância entre o torcedor e o que se passa em campo (quantos procedimentos não foram inventados para evitar a invasão ou o arremesso de objetos dentro das quatro linhas por parte dos torcedores), é algo que o teatro, pelo menos o teatro tal como concebido por Nelson Rodrigues, deveria se inspirar.

E, inversamente, podemos dizer que também o futebol – com todas as ressonâncias que desperta em nossa sociedade –, tal como o teatro sonhado por Nelson, é um lugar privilegiado para que nós possamos prosseguir em nossa contínua e inesgotável “meditação sobre o amor e sobre a morte”.



ABSTRACT

Considering Nelson Rodrigue's newspapers writings about soccer, this article seeks to highlight a convergence between the way the writer interprets this sport and his ideas about theater.

KEYWORDS

Nelson Rodrigues' soccer, theater

REFERÊNCIAS

- CORNELSEN, Elcio L. A “linguagem do futebol” segundo Pasolini: “futebol de prosa” e “futebol de poesia”. *Caligrama: revista de estudos românicos*, Belo Horizonte: FALE-UFMG, v. 11, p. 175-203, dez. 2006.
- PASOLINI, Píer Paolo. O gol fatal. Trad. Maurício Santana Dias. *Folha de S.Paulo*, 6 mar. 2005. Caderno Mais!, p. 4-5. Disponível em: <<http://blogln.ning.com/profiles/blogs/futebol-de-prosa-e-futebol-de>>. Acesso em: 27 de maio de 2012.
- RAMOS, Graciliano. Traços a esmo (sob o pseudônimo de J. Calisto). In: _____. *O índio*. Palmeira dos Índios, AL, 1921. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd10/palha1.htm>>. Acesso em: 27 maio 2011. Republicado em RAMOS, Graciliano. Traços a esmo. Crônica XI. In: _____. *Linhas tortas*. Rio de Janeiro: Record, 1975. p. 79.
- RODRIGUES, Nelson. *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. Seleção e notas Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SANTIAGO, Silviano (Org.). *Intérpretes do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002. 3 v.
- WISNIK, José Miguel. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.